

RECOLHIMENTO: O QUE NÓS PODEMOS FAZER

Quaresma 2023 – A oração, caminho para viver a nossa vocação filial

Depois de ter desenvolvido os fundamentos escriturísticos, teológicos e espirituais, pode ser proveitoso precisar alguns pontos de referência fundamentais para viver os nossos tempos de oração. Agora já conhecemos o objetivo, o desígnio de Deus para nós, e queremos viver o nosso tempo como filhos de Deus, quer dizer, com Jesus, na força do Espírito Santo, estar voltados para o Pai. **É necessário, agora, prosseguirmos no caminho da oração** para atingirmos o nosso objetivo e podemos fazê-lo com a melhor mestra de vida espiritual reconhecida pela Igreja, Santa Teresa de Jesus.

Este pouquinho que depende de nós...

Segundo a sua definição bem conhecida de oração, esta é uma «relação de amizade, estando muitas vezes a sós com Quem sabemos que nos ama» (Livro da Vida 8,5). A oração é, portanto, antes de mais nada uma relação entre dois 'actores': nós mesmos e o Senhor. E como em todas as relações, há uma parte que nos escapa. **O que nos compete não é criar comunhão, mas apenas dispormo-nos para ela.** Todas as graças recebidas na oração, graças de paz, de alegria e de luz, não dependem diretamente de nós: são obra de Deus. Como reconhece Santa Teresa de Jesus, só uma parte depende de nós: «*O que eu pretendi dar a entender no capítulo anterior foi aquilo que nós próprios podemos adquirir e como, de algum modo, nos podemos ajudar nesta primeira devoção*» (Livro da Vida 12,1) e ainda: «(...) quando interiormente [esta alma] quer entrar nesse paraíso com o seu Deus e fecha a porta atrás de si a tudo o que é do mundo. Emprego a palavra quer, porque – entendi bem – não é uma coisa sobrenatural, mas depende da nossa vontade e podemos consegui-lo...» (Caminho de Perfeição 29,4). **Vamos então recordar alguns pontos importantes que nos conduzirão ao recolhimento** que nos permite receber as graças de Deus, quando Ele no-las quer conceder.

Podemos distinguir **três momentos no nosso trabalho de recolhimento.** Primeiro será necessário **encontrar o local adequado** onde reine um certo silêncio, onde sabemos que não sere-mos incomodados. Será necessário cessar as atividades: o recolhimento, que é a cessação das atividades intelectuais inúteis à oração, requer também que paremos as atividades exteriores. Se possível, escolheremos um sítio apropriado à oração pela sua beleza e o seu simbolismo. Jesus convida-nos também a escolher um local retirado para que a nossa oração não seja conhecida senão de Deus: esta solidão favorecerá também uma expressão pessoal da nossa oração que não esteja submetida aos olhares de outras pessoas.

Ajustarmo-nos a Deus

Uma vez estabelecidas as condições materiais, o primeiro tempo é para **nos ajustarmos a Deus**. Trata-se de nos lembrarmos do amor de Deus por cada um de nós, do ato de fé de que já falámos. Este tempo pode ser precedido por um gesto simples que marca o princípio da nossa oração, como o sinal da cruz: «*Já se sabe que o exame de consciência, dizer a Confissão (Confiteor¹), e fazer o sinal da cruz. (...) Logo a seguir, filhas, procurai ter companhia pois estais sós. E haverá outra melhor do que a do próprio Mestre que ensinou a oração que ides rezar? Imaginai o próprio Senhor ao pé de vós e vede com que amor e humildade vos ensina*» (Caminho de Perfeição 26,1). Para nos ajustarmos ao Senhor neste início da oração, reconhecemos o amor de Deus por nós e a incapacidade que temos de Lhe responder efetivamente. Segundo o estado do nosso espírito e consciência, **podemos começar quer por reconhecer o amor de Deus por nós, quer por reconhecer o nosso pecado**, a nossa fragilidade. Mas estes dois tempos são inevitáveis no princípio; a sua intensidade dependerá do estado em que eu estiver ao começar a oração e do que vivi antes; o que é essencial é o trabalho de ajustamento entre mim e o Senhor no início do meu tempo de oração.

1. Oração penitencial: «Confesso a Deus...»

Acolher a sua Presença

Para entrar numa relação de amizade durante o tempo de oração, deve-se seguidamente **tomar consciência da sua presença**. Podemos personificar esta Presença em sítios diferentes: Vê-la diante de mim, ao meu lado ou, melhor ainda, em mim. Podemos associá-la a uma ou outra das Pessoas da Santíssima Trindade: posso ver o Pai diante de mim para O adorar, experimentar sobre mim o seu olhar de misericórdia, situar-me diante Ele como o filho pródigo ao ser acolhido pelo pai. Posso também imaginar o Filho a um dos meus lados como companheiro: Ele é o amigo e o irmão em humanidade, Aquele que me quer conduzir para o Pai. Por fim, posso figurar o Espírito Santo em mim como fonte de água viva, ou então fogo, ou ainda luz: Ele é a força interior.

Sublinhemos que se **trata antes de mais de uma atitude de fé**, mais do que de imaginação porque representamos a nós mesmos esta presença de Deus num local simbólico. Esta representação, no entanto, é espiritualmente real porque se apoia na Palavra do Senhor. Não é uma auto sugestão, mas acreditar no compromisso do Senhor de que estaria connosco até ao fim dos tempos, e reconhecer o dom de Deus que nos foi dado pelo batismo e a confirmação. «*Vede que Santo Agostinho afirma que O procurava por muitas partes, mas veio a encontrá-l'O dentro de si. Julgais que não é de suma importância para uma alma dissipada entender esta verdade e ver que, para falar a seu eterno Pai e regalar-se com Ele, não precisa de ir ao Céu nem falar em voz alta? Por muito baixinho que fale, Ele está tão perto de nós que nos ouvirá. Também não precisa de asas para ir procurá-l'O; basta pôr-se em solidão e contemplá-l'O dentro de si, sem estranhar tão bom Hóspede. Com muita humildade pode falar-Lhe como a um pai, contar-Lhe as suas amarguras e implorar remédio para as mesmas, entendendo que não é digna de ser Sua filha.*» (Caminho de Perfeição 28,2)

Representá-l'O ajuda-nos

Procuramos **representar-nos esta Presença para entrar em diálogo com Ela**, para receber a sua Palavra e para Lha dirigirmos também. Podemos preferir dirigir-nos a uma ou a outra das pessoas da Trindade, localizar a sua presença em tal ou tal sítio; o que interessa é facilitar a relação de amizade. No entanto a pessoa de Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, é obrigatória porque é pela humanidade de Jesus que somos salvos. Ser cristão é ser e tornar-se discípulo de Jesus. Por isso Santa Teresa de Ávila sempre aconselhará a que se represente Cristo em nós ou perto de nós: «*Falai com Ele como se fosse vosso Pai, vosso irmão, vosso amo e vosso esposo. Ele mesmo vos dirá o que haveis de fazer para O contentar. (...) Este modo de rezar, apesar de ser vocal, recolhe muito mais depressa o espírito e traz consigo imensos bens. Chama-se oração de recolhimento porque a alma recolhe nela todas as suas potências e entra dentro de si com o seu Deus. Mais depressa do que qualquer outra maneira, vem ensiná-la e pô-la em oração de quietude. Ali, recolhida em si, ela pode pensar na Paixão, imaginar o Filho e oferecê-l'O ao Pai.*» (Caminho de Perfeição 28,3-4)

Recolhermo-nos consistirá, pois, em colocar a atenção amorosa em Jesus, em ter o olhar fixo n'Ele para d'Ele aprender a amar: «*Crede-me, enquanto puderdes, não estejais sem tão bom Amigo. Se vos acostumardes a tê-l'O ao vosso lado e Ele vir que o fazeis com amor e que O quereis contentar, não conseguireis apartá-l'O de vós, como dizem. Ele nunca vos irá faltar: ajudar-vos-á em todos os vossos trabalhos, e encontrará-l'O-eis em toda a parte. Pensais que é pouco, ter ao lado um amigo destes?*» (Caminho de Perfeição 26,1) O termo olhar significa que se trata mesmo de chegar a uma atividade muito simples; não se trata de multiplicar os pensamentos ou as atividades intelectuais. «*O aproveitamento da alma não consiste em pensar muito, mas em amar muito.*» (Fundações 5,2).

Estar com o Amigo

O terceiro tempo do recolhimento consiste em **estarmos com o Senhor**. Consciente da presença d'Ele, e depois de nos termos ajustado ao seu amor reconhecendo os nossos limites, podemos entrar em diálogo. Falamos-Lhe como a um amigo. Não se tratará de Lhe dirigir orações feitas, mas de Lhe dirigir as nossas palavras. Podemos primeiro aliviar o nosso coração daquilo que o preocupa. Podemos lamentar-nos ou alegramo-nos segundo o nosso estado de espírito do momento. Podemos dar-Lhe graças pelo que Ele é, pelo seu amor por nós, pela luz e a força que nos dá. Podemos também confiar-Lhe as nossas aflições, as pessoas que amamos. Como com um amigo, a oração torna-se uma relação simples em que humildemente fazemos companhia ao Senhor. «*Imaginem-se diante de Cristo e sem cansar a mente, ponham-se a falar e a desabafar com Ele. Não se cansem a construir raciocínios, mas apresentem as vossas necessidades e considerem a razão de Ele estar ali convosco. Cada coisa se quer a seu tempo para que a alma não se canse de comer sempre o mesmo manjar.*» (Livro da Vida 13,11)

Santa Teresa de Jesus convida-nos a **três atitudes: ser verdadeiros, ser livres e amar**: Deus ama infinitamente «*Ele quer que a nossa relação com Ele seja verdadeira. Se falarmos com sinceridade e clareza, isto é, não dizendo uma coisa e fazendo outra, Ele dá-nos sempre mais do que aquilo que pedimos.*» (Caminho de Perfeição 37,4). *É preciso termos um trato familiar com Deus: «A intenção é firme e o meu Deus não se melindra nem olha a miudezas: antes terá com que vos*

agradecer, pois isto já é dar alguma coisa. O demais só é bom para quem não é franco e que, muito somítico, não tem coração para dar; basta-lhe emprestar. Enfim, faça-se alguma coisa, que este nosso Senhor a tudo atende e faz como queremos.» (Caminho de Perfeição 23,3)

Entrar numa cena evangélica

Quando o coração a coração nos permitiu uma relação simples, pode acontecer que já não tenhamos grande coisa a dizer ao Senhor. Somos então convidados a passar à segunda forma do diálogo de amizade. Tentaremos então **entrar numa cena evangélica para receber uma Palavra do Senhor**, mais do que para meditar sobre a própria cena: não se trata de fazer uma reflexão intelectual, mas de fazer um compromisso pessoal. Podemos escolher segundo a liturgia do dia ou optar por uma passagem de que gostamos muito. Tentaremos entrar na ação que aí se desenrola, entrar na pele de um dos personagens, considerar as palavras de Cristo como sendo-nos dirigidas a nós, pessoalmente.

«O meu modo de oração era o seguinte: como não podia discorrer com a mente, procurava representar Cristo dentro de mim e sentia-me melhor, a meu parecer, nos lugares onde O via mais só. Pensava eu que estando Ele só e em aflição, como pessoa necessitada, me haveria de acolher. Destas simplicidades tinha eu muitas. Sentia-me particularmente bem na oração do Horto, onde Lhe fazia companhia. Pensava no suor e na aflição que ali teve; se eu pudesse, limpava-Lhe aquele doloroso suor, mas lembro-me que nunca ousava fazê-lo por causa dos meus pecados que me pareciam tão graves. Ficava-me ali com Ele até que os pensamentos mo permitissem» (Livro da Vida 9,4)

Não devemos censurar as nossas considerações nem as nossas reflexões, mesmo que nos pareçam um pouco ingénuas: como é uma oração pessoal silenciosa, não serão vistas exteriormente! Podemos ser bastante livres na nossa expressão, na maneira de conduzir a oração, para não nos deixarmos fechar na tendência a satisfazermos-nos com considerações intelectuais. **Temos de ser suficientemente livres para passar do coração a coração à meditação evangélica e inversamente, segundo o estado de espírito.**

Para viver o nosso tempo de oração pessoal, «despertos na Fé» como diz Santa Isabel da Trindade, apoiamo-nos no nosso conhecimento do desígnio de Deus, na vocação filial e em alguns pontos de referência para fazermos o trabalho de recolhimento, este pouco que depende de nós. A partir daí, a nossa oração torna-se num espaço disponível em que Deus pode atuar.

Pistas para personalizar a minha meditação

- Quais são os meus pontos de referência para guiar o tempo de oração e o tornar um encontro com Deus na fé?
- Com qual das pessoas da Trindade gosto mais de estar?
- Qual é o método de recolhimento de que mais gosto?

Fr. Antoine-Marie Leduc,
ocd (convento de Avon)



Segunda-feira, 20 de março: São José, o homem justo

«José, filho de David, não temas receber Maria, tua esposa, pois o que ela concebeu é obra do Espírito Santo» (Mt 1,20)

«Quem não encontrar um mestre que lhe ensine o caminho da oração, tome a este glorioso santo por mestre e não se enganará no caminho.» (Santa Teresa de Jesus, Livro da Vida, 6,8)

«Pai amado... pai da ternura... pai na obediência... pai no acolhimento... pai na coragem criativa... pai trabalhador... pai na sombra... São José, mostra-nos que também és nosso pai!» (Papa Francisco, Patris Corde)



«Santa Teresa de Ávila e São José» Diego de la Cerda



Terça-feira, 21 de março: «Contemplai as obras do Senhor» (Sl 45,9)

«Senhor, não tenho ninguém que me meta na piscina quando se agita a água...» (Jo 5,7)

«Podemos dizer que os que começam a ter oração são os que tiram a água do poço. É muito penoso (...) Ao princípio ainda penam, pois não acabam de compreender se se arrependem dos pecados; e na verdade fazem-no, visto estarem verdadeiramente determinados em servir a Deus.» (Santa Teresa de Jesus, Livro da Vida, 11,9)

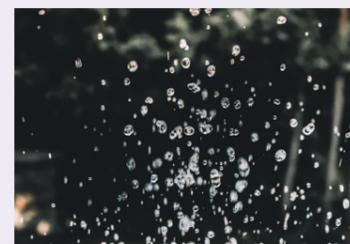
Senhor Jesus, dá-me um coração puro; dá-me a alegria da salvação.

Quarta-feira, 22 de março: «Eu nunca te esquecerei!» (Is 49,15c)

[Jesus] não só anulava o sábado, mas até chamava a Deus seu próprio Pai, fazendo-Se assim igual a Deus.» (Jo 5,18)

««Toda a gente dorme. E a Deus, tão cheio de bondade, tão grande, tão digno de louvores, esquecemo-l'Ó!... Ninguém pensa n'Ele!...» (Santa Maria de Jesus Crucificado, Allons Reveiller l'Univers)

Acorda-me, Jesus: desperta a minha vida! Mostra-me a fidelidade inestimável do teu Pai, o nosso Pai dos Céus!



Quinta-feira, 23 de março: «Esqueceram a Deus que os salvara» (Sl 106,21a)

São elas [as Escrituras] que dão testemunho a meu favor. Vós, porém, não quereis vir a Mim para terdes a vida!» (Jo 5,39-40)

«Que bem sei eu a fonte que mana e corre (...) Aquela eterna fonte está escondida neste pão vivo para dar-nos vida, mesmo sendo noite! Aqui está chamando as criaturas» (...) (São João da Cruz, Escritos Breves, Poesia IV)

Jesus, a tua Palavra é a minha morada. Ela grita em mim: «Vem para o Pai». Atrai-me ao teu desejo de amar para que o amor do Pai seja conhecido de todos!

Sexta-feira, 24 de março: «Foi Ele que Me enviou.» (Jo 7,29)

«Ele afirma ter conhecimento de Deus e chama-se a si mesmo filho do Senhor! (...) vejamos, pois, se as suas palavras são verdadeiras (...) Provemo-lo com ultrajes e torturas» (...) (Sb 2,13.17a.19a)

«Ó meu Senhor, (...) não houve sofrimento que não suportasse de bom grado, vendo como Vós estivesdes diante dos juízes. Com tão bom amigo presente, com tão destemido capitão, que foi o primeiro no padecer, tudo se pode sofrer. Ajuda e dá força; nunca falta.» (Santa Teresa de Jesus, Livro da Vida 22, 6)

Jesus, Tu que conheces Aquele que Te enviou, inflama-nos num forte amor pela tua Paixão, com os olhos fixos na tua Hora, cumprindo até ao fim a obra do teu Pai!



«A Flagelação de Cristo» Rubens



Sábado, 25 de março: «Salve, ó cheia de graça» (Lc 1,28)

O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a Sua sombra. Por isso, Aquele que vai nascer é santo e será chamado Filho de Deus» (Lc 1,35)

«Cobrir de sombra equivale a amparar, favorecer e conceder mercês.» (São João da Cruz, Chama de Amor Viva, 3, 12)

Virgem Maria, põe-me sob a sombra do teu manto para eu recolher toda a graça de vida que o Pai me dá em Jesus: à sombra do Espírito.